

## A potência do encontro na clínica do Acompanhamento Terapêutico no envelhecimento

---

Giulia Frizzarin Bassa

*A vida é a arte do encontro,  
embora haja tanto desencontro pela vida.*  
Vinícius de Moraes

### Introdução

O processo de envelhecimento está atrelado a muitas perdas e a constatação de muitas limitações. O modelo social em que estamos inseridos acaba por, compulsoriamente, obrigar aqueles que estão envelhecendo a abandonar diversos lugares de reconhecimento (Goldfarb, 1998 citado por Barral, Franco, 2021, p. 89).

A suposta modernidade do sistema capitalista neoliberal em que estamos inseridos impõe valores que consideram fundamental a capacidade de produção de riquezas, gerando uma catástrofe subjetiva que deixa a pessoa idosa em uma posição de inexistência simbólica, pois ela perde sua função/seu valor simbólico no campo social, a partir do momento em que ela já, supostamente, cumpriu seu papel de produtora de riquezas (Peixeiro, [s.d.]). Além de mudanças físicas, afetivas, profissionais, territoriais e a proximidade da morte, que em maior ou menor grau, de acordo com a história de cada um, operam fragilidades significativas neste momento da vida (Segura, 2013).

Partindo dessas breves considerações sobre o processo de envelhecimento, este trabalho visa discutir e exaltar uma grande característica e potencialidade da clínica do acompanhamento terapêutico (AT), que se difere na forma de atuação de outros profissionais atrelados ao cuidado da população idosa, que é o *encontro* e o acompanhamento dessas pessoas fora dos espaços de tratamentos convencionais.

Esse dispositivo clínico que explora novos territórios com o acompanhado, foi um dos principais motivos do meu interesse pelo campo do AT. Deslocando o cuidado dessa população das instituições de tratamento convencionais como hospitais psiquiátricos, consultórios, hospitais-dias e Centros de Atenção Psicossocial (Segura, 2013), o AT

busca promover um *setting* terapêutico, um lugar de encontro, na rua, no cinema, no parque, em um café, no metrô, na casa do acompanhado. “O lugar onde começa um acompanhamento terapêutico é o chão comum e o céu aberto” (Porto, 2013, p. 3). O acompanhante terapêutico (at) acolhe e vai ao encontro da pessoa no endereço de sua residência (principalmente nos primeiros contatos).

São os encontros e as relações que constituem, geram e fazem emergir sujeitos e objetos. Só a partir do encontro que o at e o acompanhado se individualizam e se constituem como um e como outro (Porto, 2015). “Por meio da presença e da ação do at, o acompanhado pode-se perceber assegurado e, assim, inaugurar outras possibilidades de ser e estar na vida” (Segura, 2013, p. 161).

## Desenvolvimento

### ***O piso e o passo***

Envelheço como o sapato:  
quanto menos sirvo  
menos aleijo o chão.  
Antes,  
eu buscava  
conhecer um lugar.  
Agora,  
apenas quero  
um lugar  
que me conheça.  
(Mia Couto, Maputo, 2004)

A poesia tem a intrínseca capacidade como gênero lírico em discutir o ser humano em sua incompletude, tomando uma posição central em reflexões sobre o alcance do fazer literário. Um escritor que consegue pensar poeticamente o elemento existencial do envelhecer também como um desdobramento da construção de uma nova identidade dentro da sua composição lírica é o poeta moçambicano Mia Couto, considerado um dos mais expressivos escritores em língua portuguesa da atualidade.

No poema “O piso e o passo”, publicado em 2007, no livro “Idades, Cidades, Divindades”, Mia Couto compara seu processo de envelhecimento a um sapato. No trecho: “quanto menos sirvo, menos aleijo o chão”, o eu lírico expressa seu sentimento de estar perdendo sua “utilidade” por estar envelhecendo, ou seja, ele perde seu valor simbólico, perde sua função social de produzir, fato muito associado ao estigma do envelhecer na nossa sociedade, na qual os idosos sofrem muitos preconceitos e abandono por não serem mais produtivos. Fazendo um paralelo ao envelhecimento de um sapato, objeto que nos acompanha durante a vida para diversos lugares que, ao ficar velho, não deixa mais sua marca ao pisar no chão, perde sua função, nos passando também um sentimento de não pertencimento aos lugares que um dia já fez parte.

Nas outras duas estrofes, o eu lírico traz a ideia do “lugar” como um território existencial, apresentando a ideia de passado e presente, retomando o senso da falta de pertencimento e da falta de futuro. No trecho: “*Antes, eu buscava conhecer um lugar*”, ele indica que no passado havia a existência de uma vida, de um ser, de experiências, de um território que se habitava e se pertencia antes do processo de envelhecimento. Mas agora que é velho (presente), durante esse processo que produz mudanças importantes na construção de identidade do indivíduo, ele não pertence mais a um “lugar”, não se sente mais útil nem para pisar no chão e deixar uma marca; apenas quer se sentir vivo e se reconhecer em um lugar que também aceite esse seu novo ser, neste novo momento de sua vida: “Agora, apenas quero um lugar que me conheça”.

Como expresso pela psicanalista Maira Peixeiro ([s.d.]): “sem existência no presente, o projeto identificatório, ou seja, a perspectiva de ser no futuro é fechada. Só se pode ser no passado. O desamparo ocupa a cena, o sujeito fica sem saída”. O poema nos faz refletir sobre o processo de envelhecer, que para algumas pessoas pode estar atrelado a grande sofrimento e desorganização que impõe necessariamente uma nova situação para o sujeito, tornando impossível o retorno ao que se era antes, necessitando muitas vezes de uma ajuda especializada para um novo redimensionamento da vida.

O horizonte de futuro se estreita, talvez não haja mais tempo para realizar o que se deseja, o corpo dá sinais de desgaste, apontando uma série de limitações. Concomitantemente uma série de perdas estão em curso: a perda do lugar de profissional, a perda dos atributos de beleza, a perda da força física, a perda do lugar de objeto do desejo, entre outras. (Goldfarb, 1998 *apud* Peixeiro, [s.d.], p. 2)

Uma importante ferramenta de trabalho do AT é a escuta diferenciada sobre as necessidades e as demandas do sujeito (bem como de sua rede familiar), considerando a existência de um sujeito com uma história de vida, mesmo quando há um quadro de adoecimento grave, como uma síndrome demencial (Segura, 2013).

A partir daí, o at tem como compromisso ético o estar junto com o acompanhado, com a pessoa que se apresenta na relação, ajudando-o a resgatar sua singularidade. Tendo o movimento e a circulação por diferentes territórios como estratégias fundamentais para a promoção de encontros, construção de redes, entre ambos, entre o acompanhado e a comunidade e entre diversos dispositivos da cidade, pode se criar possíveis conexões permanentes que ajudem o idoso a assegurar e inaugurar outras possibilidades de ser e estar na vida.

Esse movimento e circulação por diversos espaços produz uma “atenção corpo-flutuante”, em que a matéria da cidade prevalece e a fala constitui uma parcela de tudo aquilo que toca o at. A narrativa não é apenas verbal, mas principalmente, “pedestre”, como diz De Certeau (1994, p. 177 citado por Porto, 2013, p. 3). A fala pedestre é a enunciação, é um fazer-dizer, escutar-andar, pensar-fazer que se enuncia no instante mesmo em que um deslocamento transcorre, presentificando-se e sendo tecida na medida em que os pés caminham pela cidade (Porto, 2013).

No encontro com alguma enunciação, há uma experimentação com aquilo que se é/traz, com aquilo com o que me encontro, sejam pensamentos, pessoas, sorrisos,

histórias, fazeres. O encontro é o ponto de partida para a promoção de um cuidado que oferta um lugar subjetivo, que assegura ao sujeito a possibilidade de experimentar algo novo na relação consigo, com o outro e com o seu entorno, através de uma presença atenta e ativa. É uma possibilidade de apropriação de sua condição humana, dentro do seu próprio ritmo, desejos, necessidades, podendo se perceber, experimentar a continuidade de ser e a integração de si mesmo (Porto, 2015).

### Considerações finais

O envelhecimento, muitas vezes marcado por perdas simbólicas, sociais e físicas, impõe ao sujeito uma necessidade de reposicionamento subjetivo diante da vida e do mundo. Em uma sociedade que valoriza sobretudo a produtividade e a juventude, as pessoas idosas tendem a ser excluídas dos espaços em que se sentem pertencentes, seja de um contexto profissional, dentro das relações familiares ou até a perda de um espaço físico, como sua casa, tornando-se invisíveis e desamparados.

Diante desse cenário, o AT emerge como uma prática clínica potente, justamente por deslocar o cuidado dos moldes tradicionais, oferecendo um cuidado cuja ação se baseia na oferta de presença, no parar para olhar, escutar, andar, pensar, sentir, fazer, suspender o juízo, cultivar a atenção, sustentar singularidades, respeitar o tempo, ser receptivo, disponível, dar abertura ao novo e a circulação por territórios tanto conhecidos, como inexplorados, dando espaço a novas possibilidades de encontro, escuta, vínculo, movimento e produção de vida.

Nesse contexto, o processo de envelhecer pode deixar de ser somente um tempo de perdas para se tornar também um tempo de reconstrução de sentidos, de vínculos e de novos modos de estar e pertencer ao mundo. O sentido se produz pelo afeto. “O chegar não é mais valioso que a andança, o encontro é valioso e necessário” (Gerhardt, 2014).

### Referências

BARRAL, Manuela C.; FRANCO, Maria Helena P. Envelhecimento, luto e suas especificidades. In: FRANCO, Maria Helena P.; ANDERY, Maria Carolina R.; LUNA, Ivânia J. (orgs.). **Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas**. Curitiba: Appris, 2021. p. 87-93.

COUTO, Mia. **Idade, cidades, divindades**. Lisboa: Caminho, 2015.

GERHARDT, Genifer. Caminhando com Tim Tim. You Tube, 17 dez. 2014. Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em: 4 jun. 2025.

PEIXEIRO, Maíra Humberto. A crise na velhice: passagens que não se completam. **Ger-Ações – Pesquisas e Ações em Gerontologia**. [s.d.].

PORTO, Maurício. A pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 2-8, 2013.

PORTO, Maurício. Transferência no acompanhamento terapêutico. In: PORTO, Maurício. **Acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 115-152.

SEGURA, Cláudia Maria. O holding no acompanhamento terapêutico no envelhecimento. In: BARBIERI, Natália A.; BAPTISTA, Carolina G. (orgs.). **Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. p. 153-161.

*Data de recebimento: 15/04/2026; Data de aceite: 10/05/2026*

---

**Giulia Frizzarin Bassa** - Terapeuta Ocupacional formada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - 2021), com formação em Acompanhamento Terapêutico. É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (2026–2028), na linha de pesquisa *Cuidado, Emancipação Social e Saúde Mental*. Integra o Grupo de Pesquisa em Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO). Contato: [fbassagiulia@gmail.com](mailto:fbassagiulia@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.